

REVISTA BIBLIOGRÁFICA

FRANZ WEIDENREICH — The mandibles of «*Sinanthropus pekinensis*» — A comparative study — «*Paleontologia Sínica*», publ. do Serviço Geológico da China — Série D, vol. VII, fasc. 3, Peiping, 1936; Observations on the form and proportions of the endocranial casts of *Sinanthropus pekinensis*, other Homínids and the Great Apes: A comparative study of brain size *Ibid.*, série D., vol. VII, fasc. 4, Peiping, 1936.

No primeiro trabalho, Weidenreich fez uma comparação minuciosa das mandíbulas do célebre tipo fóssil de Chu-ku-tien, com as mandíbulas dos Antropoides, do *Pithecanthropus*, dos homens fósseis e das raças humanas actuais. O segundo estudo é consagrado aos moldes endocranianos e às dimensões do cérebro no Sinantropo de Pekim e nos outros Primatas referidos. Quanto à mandíbula, o processo de redução do aparelho mastigador não aparece no Sinantropo tão avançado, em relação aos Antropoides, como no homem actual, mas nos vários caracteres as diferenças e as analogias não se escalonam sempre num mesmo encadeamento relativamente aos antropoides actuais e ao homem. O A. entende que nenhuma dúvida deve haver em se considerar o Sinantropo como precursor directo do homem, mas nenhum dos antropoides actuais seria, a seu turno, o antepassado, o qual, aliás, seria um antropoide de grandes caninos, embora menores e menos proeminentes no conjunto do que os dos simiídeos existentes. Numerosos pormenores descritivos, tabelas, desenhos e fotografias ilustram êste notável estudo.

Pelo que respeita aos moldes intracranianos, Weidenreich mostra que devem ser acolhidos com reserva para definição da morfologia cerebral. O *sulcus lunatus*, por exemplo, é difícil de reconhecer num molde endocraniano de Chimpanzé, sendo aliás tão aparente no respectivo cérebro. Quanto às dimensões cerebrais, nota-se um aumento importante do índice de altura-largura no lobo parietal, dos antropoides para o homem recente. A capacidade do crânio do Sinantropo (média 1000 cc.) é intermediária entre a dos Antropoides e a do Homem.

Baseado mais no desenvolvimento do cérebro e na cultura

respectiva do que em particularidades das inserções mandibulares dos músculos da linguagem (dentro da teoria de Walkhof das relações do mento com a palavra, seria interessante notar um esbôço de formação mentoniana no Sinantropo), o A. está convencido de que o Sinantropo não era mudo.

MENDES CORRÊA.

ALFREDO CASTELLANOS — *Los sedimentos del Pampeano inferior y del Araucano en el Valle de los Reartes* — (Sierra de Córdoba): Extr. «Ser. Técnico Científica de la Facultad de Ciencias Matemáticas Físico-Químicas y Naturales aplicadas a la Industria». Edição do autor, Rosário, 1936, 10 pág., 22 figs. Bibliografia.

Com a notável proficiência que salienta todos os trabalhos do prof. A. Castellanos, de Rosário (Argentina), está escrito o presente, no qual se ocupa das camadas geológicas, de dificultoso estudo, encontradas nos vales da Serra de Córdoba. Trata-se dum trabalho profundo e consciencioso, principalmente descritivo, da constituição petrológica e geomórfica do Vale de Reartes, caracterizado pelas formações, pela *facies*, bem como pelos restos paleontológicos, alguns dos quais datam de reconhecimentos anteriores, em que se acumulam e discernem os determinados por F. Ameghino, o célebre paleontologista argentino. Numerosos subsídios adquirem neste cuidado estudo, aquêles que se dedicam a esta especialidade, cheia de dificuldades. São numerosas as espécies classificadas nesta obra, em que sobresaem as de Gliptodontes, características dos terrenos desta parte da América meridional e componentes duma fauna distinta, própria dêste continente, ainda não de todos conhecido, nos diversos pontos de vista, em que é mister investigar os mistérios que êle ainda apresenta.

Os movimentos, de carácter vulcânico, do Pleistoceno da região, denunciando o início dum novo ciclo de actividade dos rios explicam o fenómeno da sedimentação, alternado com as erosões e a maneira como se formou o Vale do Reartes, cujos meandros não é fácil acompanhar ou seguir.

A memória do Prof. A. Castellanos faz surgir a ideia clara de semelhantes disposições naturais. Informa-nos minuciosamente da conformação do terreno e dos achados sucessivamente conseguidos, com espécies novas para a Paleontologia, bem como a rigorosa determinação de outras já conhecidas, que assinalam a natureza e posição dos sedimentos. Entretanto colhe-se na leitura

desta memória a dificuldade existente no assinalamento e notação destas camadas, bem como da sua eqüivalência, quer na América, quer no Vélho Continente.

B. FERREIRA.

PROF. A. CASTELLANOS — *Los yacimientos del Hombre em Santiago del Ladeso* — 1936.

Notícia em *A Capital* (Agosto de 1936) os achados interessantes, que revelam a civilização primitiva daquela região, os fornos de barro tósco e o esqueleto exumado no Platense superior de Fragua (Santiago) e refere qual teria sido o uso daqueles fornos grosseiros e qual a proveniência dos restos fósseis encontrados e, a-propósito, trata resumidamente das origens prováveis do Homem na América do Sul, em particular do Índio. Trás em refôrço da sua teoria de imigração polinesiana a opinião do prof. Mendes Corrêa, acêrca da migração tasmano-australiana. A estas hipóteses, de ambos os consagrados cientistas, já nos referimos nesta secção.

B. F.

EMÍLIO E DUNCAN WAGNER — *La Civilizacion Chaco-Santiagoña* — Santiago del Estero. Buenos Aires, 1934. *in-fólio*, com numerosas estampas, a negro e a côres.

Costuma chamar-se — obra monumental — àquela que compreende um vasto assunto, tratado com esmero e profundidade, até exauri-lo; utilizando com elevada competência e acerto todos os documentos e acessórios, as imagens, as reproduções; empregando sôbriamente o método descritivo e comparativo, com a sobriedade de estilo, que não exclui a elegância; mantendo a beleza da forma e a grandeza proporcional, a harmonia emfim, que produz em nosso espírito atracção, encanto e respeito. Isto acontece principalmente quando se trata duma obra histórica, documental e de investigação, em que se acentúa a individualidade do autor, em primores e belezas de factura e de expressão, que nos fazem o efeito de plenitude. É o que acontece com o grande volume dado à estampa pelos srs. D. Emílio e Duncan Wagner, no qual nos retratam todos os aspectos da antiga civilização do Chaco e da provincia de Santiago del Estero, cujos elementos principais foram colhidos por indagação pessoal, nos lugares de observação e para o que foram com habilidade e circunspecção.

reproduzidos os exemplares abundantes e significativos dos museus de Arte e Etnografia e Arqueológicos. Os autores, ao que conseguimos averiguar, adquiriram larga envergadura de cultores de Arte e da Natureza, desde muito novos, em contacto directo com os objectos do seu estudo, em longas viagens e prolongada estadia no Museu de Paris, onde os seus trabalhos os tornaram em auxiliares preciosos e onde recolheram valioso pecúlio documental, para a Etnografia, ainda há pouco misteriosa, do Novo Mundo, ciência em que se mostram exímios. O *in-fólio* presente é devido ao director e vice do Museu Arqueológico de Santiago del Estero. D. Emilio afirma-se como descobridor da Arqueologia *Santiaguense* e seu irmão Duncan é autor do texto francês e das magnificas ilustrações. São dois autores ilustres, de honrosa estirpe intelectual, radicada em França pelo lado paterno e na Polónia pelo lado materno; ambos devotados aos altos estudos de História Natural, da Arte e da Arqueologia, ciência que desenvolvem com penetrante poder de indagação e na qual se especializaram, durante muitos e trabalhosos anos.

O primeiro, abraçando a profissão de naturalista, notabilizou-se pelas extensas explorações realizadas no Brasil, na Argentina e no Paraguay; revelou-se observador exacto e atento e coleccionador apaixonado, cuja actividade enriqueceu os museus da Europa e da América.

A impressão que nos causa esta obra maravilhosa, pela surpreendente beleza de exposição e magnificência documental, é a de pura estesia, sem prejuízo da detida contemplação científica, que bem merece e do largo ensinamento dela proveniente. O método empregado é excelente e funda-se na comparação das remotas civilizações ocidentais da América com as do Oriente europeu e asiático. O exame minucioso e comparado dos elementos das diversas origens, revelações da alma popular, nas longínquas idades, nos diferentes e opostos países, demonstra pelo confronto das peças a semelhança de inspiração e de pensar, perante factos semelhantes da Natureza, bem como as reacções psíquicas ante a mesma fenomenalidade, a evolução similar da simbólica religiosa e a criação dos mitos. É o que se mostra, por exemplo, nas expressões múltiplas e variadas do culto ofiolátrico, que não é só das religiões e dos povos orientais, mas atinge a mesma significação na cultura e no ritual das populações americanas e adquire belissimas formas de arte e originalissimas manifestações míticas e ornamentais, em quantidade de objectos de culto, vasos funerários e de usos diversos, que atestam graus equivalentes do desenvolvimento dessas civilizações milenárias, tanto do Vélho como do Novo Mundo. Deparam-se-nos em tôda esta magnifica

monografia capítulos deveras interessantes, neste e noutros pontos de vista, tratados com erudição apreciável e singeleza, de que resulta a noção clara, que melhor salienta da profundidade dêste *in-fólio* a significação precisa dos factos evocados, com o apoio da mais rica, grandiosa e colorida figuração, que se destaca com impressionante nitidez. Sobresaem as revelações do mito *Antrof-onito-opoídico*, as imagens dos ídolos grosseiros, mas expressivos. entre os demais e curiosos capítulos, o das representações da Serpe divinizada, ilustrado com desenhos de raros modelos, que vem confirmar a universalidade dêste culto zoolátrico, a diversidade do seu simbolismo, que anda constantemente ligado a semelhantes manifestações de tão generalizada religiosidade. A edição apresentada com luxuosa elegância exalta as belezas da publicação e determina a impressão de agrado, que excede em cada página a da anterior. Vem esta volumosa e valiosa produção dos srs. Wagner confirmar a ideia, já adquirida exposta, da sumptuosidade e riqueza desta, como doutras civilizações indianas da América e a paridade dos motivos religiosos e artísticos, em que as reproduções zoomórficas são, como nas orientais, abundantes em excesso e superiores às fitomórficas e antropomórficas, o que é próprio, e afinal, das primitivas civilizações.

B. F.

G. GEIPEL UND O. VON VERSCHUER — *Zur Frage der Erbllichkeit des Formindex der Fingerleistenmuster* — Extr. de «*Zeitschrift für induktive Abstammungs und Vererbungslehre*». Vol. LXX.

Os AA., o segundo dos quais se tem dedicado com afinco ao estudo da hereditariedade dos caracteres no homem, occupam-se, neste trabalho, da hereditariedade do índice da forma das impressões digitais. Êste índice calcula-se dividindo a largura pela altura da figura da impressão. Estas duas medidas executam-se com o auxílio duma lupa.

Bonnevie estudou a variabilidade dêste índice em cada dedo em indivíduos noruegueses e, como notasse que o dedo polegar apresentava uma grande maioria de figuras circulares, resolveu tomar só em consideração os quatro restantes, para obter a média individual dêste índice.

A análise estatística mostrou que não há diferenças sensíveis entre os dois sexos nem entre as duas mãos.

O material de que os AA. se serviram compõe-se de 466 pares de gémeos.

Depois de compararem as diferenças dos índices entre gémeos mono e bivitelinos e entre os bivitelinos de sexos diferentes e analisarem a repartição das diferentes classes do mencionado índice pelos pais e pelos filhos, concluem os AA. que este índice pode ser empregado na diagnose de raças, mas que tem menos valor na análise da paternidade, em virtude da sua grande variabilidade.

A. ATHAYDE.

A. HARRASSER — *Konstitution und Rasse bei oberbayrischen endogenen Psychotikern* — Extr. de «*Zeitschrift für die gesamte Neurologie und Psychiatrie*». Vol. 158. Berlin, 1937.

Para o estudo das raças, dos seus caracteres e da sua variabilidade étnica, tem este A. dirigido a sua atenção para alguns trabalhos importantes tendentes ao esclarecimento de vários pontos deste ramo da Antropologia.

Aproveitando caracteres observados em 900 psicopatas internados em estabelecimentos da Baviera, o A. procura vêr se os caracteres étnicos podem modificar o tipo constitucional. Seguindo a orientação de Kretschmer, detem-se a analisar minuciosamente os caracteres observados, considerando-os em conjunto relativamente ao diagnóstico clínico. É interessante notar que, como Kretschmer salientou, a linha da inserção dos cabelos tem um importante papel no estudo das constituições, o que o A. também verificou.

Os indivíduos estudados, pelos caracteres gerais que apresentavam, como por exemplo, estatura, altura do tronco, índice cefálico, índice facial, formas da fronte e do occipital, pertenciam na sua maioria à raça dinárica.

Todos os indivíduos foram classificados debaixo dos pontos de vista constitucional e étnico e, depois de estabelecer correlações entre os tipos constitucionais e os étnicos, o A. conclue dizendo que o tipo dinárico que os bávaros alpinos apresentam, aparece com a mesma frequência na restante população, modificando também correspondentemente o quadro constitucional.

A. A.

CONSTÂNCIO MASCARENHAS — *Anthropometrical Notes on some Southern Indian Tribes* — Bastorá, 1936. 16 págs.

O autor, bem conhecido antropologista e etnólogo de muita autoridade, continua nos seus estudos de raças indianas, problema delicado e difícil, como todos sabem, os que lidam com semelhantes assuntos. No presente opúsculo, escrito em língua inglesa, comunica os resultados das observações que efectuou em 100 indivíduos, 64 do distrito de Bijapur e 36 do de Bellary, da Presidência de Madrastra, pertencentes a diversas castas. O método empregado no estudo dessas 100 pessoas foi o instituído pelos Congressos das Ciências Antropológicas, de Monaco, Genebra e Liège. O exame praticado nestes índios divide-se em morfológica e compreende as principais características étnicas — cor da pele, dos cabelos e dos olhos, assim como a forma dos pelos — e antropométrica, que reúne a estatura, o índice cefálico, o índice nasal, o índice facial, o orbitário, bem como o índice vertical e o transversal e o índice cúbico de Broca.

Todos os números obtidos constam de tabelas, de fácil leitura, repartidas pelas procedências dos observados e acompanhadas das respectivas classificações, segundo os autores.

O autor compara os resultados das suas medidas rigorosas com as obtidas pelos antropologistas dedicados ao estudo das populações indús, principalmente com os de Topinard, Giuffrida Ruggeri, Risley, H. Charles, Deniker, Germano Correia e V. Camotim, cronologicamente, e entende que os indígenas observados por ele se referem a diferentes tipos étnicos, que fazem parte da mescla povoadora da península indostânica e foram classificados por G. Sergi, e G. Ruggeri como *Homo indo-africanus dravidicus*. Os índices subbraquicefálicos representam provavelmente remota influência malaia ou javânica, ou talvez resíduo de intromissão mongólica. Agita-se ainda a hipótese da negritica polinésia. São modos de vêr ou interpretações discutíveis, que um reduzido número de medidas permite apenas formular. Dois casos de averiguada leptorrinia e subbraquicefalia, correspondem, na classificação de G. Ruggeri, ao *Homo indonesiacus brachimorphus* e para o autor explicam a influência mongólica, conquanto os mongóis não sejam nada leptorrínios. A estatura baixa seria o resultado do cruzamento com aborígenes da Índia meridional (Scytho-dravidas) (H. Risley). Teremos dessa sorte a complicação inextricável de raças, prevista e anunciada pelos autores, entre os quais E. Haeckel, Mantegazza, Quatrefages, Sergi, Risley, C. Mascarenhas, Germano Correia, Mendes Corrêa e outros.

Asserta o autor que a teoria convencional das castas se não

compadece com os estudos históricos e antropológicos, cientificamente baseados, para que nos fornece mais uma valiosa e interessante contribuição, confirmativa do seu alto valor de antropologista.

B. F.

RITA HAUSCHILD — *Rassenunterschiede zwischen negriden und europiden Primordialcranien des 3. Fetalmonats* — Extr. de «*Zeitschrift für Morphologie und Anthropologie*», vol. XXXVI, fasc. 2.

Foram os cortes seriados de 2 embriões de negros da Carnegie Institution que serviram de base para este estudo.

Com toda a minúcia foram estudadas as regiões basal, ótica, orbito-temporal e a etmoidal, sendo possível chegar à conclusão de que um grande número de diferenças entre os crânios dos embriões de europeus e os dos embriões de negros são devidas a influências étnicas, pois vários caracteres encontrados nos últimos nunca foram observados nos europeus.

Em todo o caso não apareceram diferenças essenciais no desenvolvimento dos dois grupos de crânios.

A. A.

DR. WOLFGANG ABEL — *Über Europäer-Marokkaner und Europäer-Annamiten Kreuzung* — Extr. de «*Zeitschrift für Morphologie und Anthropologie*», vol. XXXVI, fasc. 2.

Durante o período de tempo de 1920 a 1927, a região do Reno esteve ocupada por tropas aliadas vindas da Argélia, da Tunísia e de Marrocos e ainda das colônias francesas do Anam e da Cochinchina. O A. foi encarregado de estudar, debaixo do ponto de vista antropológico, os descendentes dos soldados que compunham esses exércitos de ocupação.

Foram notados os caracteres descritivos, o estado de saúde, e algumas qualidades psíquicas. Dum modo geral, pode dizer-se que se observou um aumento de pigmento na pele, no cabelo e nos olhos. Nos descendentes de marroquinos encontram-se, por vezes, caracteres negroides principalmente na forma dos cabelos, do nariz, dos lábios, assim como na da cabeça, enquanto que nos descendentes dos anamitas é freqüente o cabelo liso, a prega mongólica, a face chata, nariz e boca pequenos e a braquicefalia.

Relativamente ao estado de saúde e às qualidades psíquicas observadas, é importante registrar a freqüência das doenças glandulares, a tendência para a tuberculose e ainda as psicopatias, bem como o atraso escolar relativamente aos indivíduos europeus.

A. A.

K. E. SCHREINER — *Zur Osteologie der Lappen* — 2 vols., Oslo, 1935-1936.

Em magnífica edição o ilustre anatomista e antropólogo de Oslo colige os resultados do seu estudo de cerca de 350 crânios e outras peças esqueléticas de Lapões. É um trabalho minucioso, admiravelmente ordenado, e ilustrado profusamente. Ficará constituindo um elemento indispensável de consulta para quem quer que se ocupe da somatologia daquela curiosa população septentrional e mesmo para comparações de craniologia e osteologia étnicas. Nos seus confrontos Schreiner utilizou alguns elementos sobre o humero e sobre o fémur obtidos por autores portugueses, mas poderia ter disposto de mais contribuições lusitanas sobre esses e outros ossos.

M. C.

DOTT. JOLE PASTORE — *Costometria dei Fugini* — «*Rivista di Antropologia*», vol. XXXI, Roma, 1935-1936.

São raros os estudos metódicos de costometria. Neste trabalho compendiam-se os resultados da observação de costelas de 14 Foguinos, cujos esqueletos se encontram no Instituto Antropológico da Universidade de Roma, dirigido pelo ilustre Prof. Sergio Sergi. O A. tirou 9 medidas de cada peça e calculou sobre elas 10 relações numéricas. Comparou esses resultados com os obtidos em Sicilianos, num Prussiano, num Albanês e numa Egípcia. Encontrou assimetrias, diferenças sexuais e diferenças étnicas. Destas últimas, algumas estabelecem uma morfologia particular do tronco dos Foguinos, ligadas a condições estáticas e dinâmicas do corpo, comuns a outras populações primitivas.

M. C.

LÍDIO CIPRIANI — *A Ceylon — Alla ricerca degli ultimi Vedda* — Exir. de «L'Universo», ano XVII, Firenze, 1936.

Numa das suas viagens, tão frutuosas no ponto de vista científico, o ilustre antropólogo Lídio Cipriani aportou a Ceilão, onde, ao contrário de turistas apressados que preferem outras visitas e digressões, tratou de ir vêr os últimos Vedas, empreza não demasiado fácil, a-pesar-da relativa pequenez da ilha e dos meios existentes de transporte. Esta curiosidade é perfeitamente justificada num antropologista. Os Vedas estão, senão já extintos, pelo menos ameaçados da extinção que atingiu, por exemplo, os Tasmanianos. Cipriani percorreu durante 15 dias muitas cavernas da ilha, onde examinou muitos mestiços de Vedas, Tamiles e Singaleses, mas apenas, depois duma verdadeira caçada numa floresta perto de Bingada, conseguiu encontrar alguns indivíduos que supõe relativamente puros. A maioria dêstes fugiam do estrangeiro, cujos vestígios descobriam pelas marcas do calçado no solo. Segundo o dr. Spittel, de Colombo, os últimos Vedas puros teriam mesmo totalmente desaparecido numa epidemia recente.

Explêndidas fotografias dos actuais Vedas e de aspectos da expedição ilustram esta notícia do eminente antropologista italiano.

M. C.

NELLO PUCCIONI — *Antropometria delle genti della Cirenaica* — 2 vols., Firenze, 1934-1936; *Antropologia e Etnografia delle genti della Somalia* — vol. III — *Etnografia e Paletnologia* — Bologna, 1936.

Estas notáveis publicações do eminente antropólogo de Florença honram a cultura italiana e os organismos que as dão à estampa em magníficas edições.

Na *Antropometria delle genti della Cirenaica*, que é publicada pela Repartição dos Estudos do Governo da Cirenaica, Puccioni expõe os resultados da sua missão antropológica em 1928 e 1929 naquele território africano. Assenta êsse belo estudo em cerca de mil observações antropométricas de indivíduos de tribus árabo-berberes e sudanenses. Foram estudados minuciosamente numerosos caracteres, sendo a coordenação e interpretação dos elementos colhidos feitas com os mais aconselháveis métodos científicos.

O terceiro volume da magnífica obra sobre a Somalia italiana, que foi editada pela Real Sociedade Geográfica Italiana e

contém os resultados das missões Stefanini-Paoli e Stefanini-Puccioni naquela região, refere-se à etnografia e prehistória do território. São muito importantes as reflexões do A. sobre a cultura somali e suas relações com culturas primitivas e outras culturas africanas. Numerosas estações prehistóricas são registadas num mapa do território. As mais antigas indústrias paleolíticas ali encontradas parecem ser a acheulense e a nanyukiana, esta reconhecida por Leakey no Kénia e por êste autor colocada entre o acheulense final e o mustierense. Também há ali estações mustierenses e capsenses.

Muitas tabelas, gráficos, cartas e fotografias são contidas nestes explêndidos volumes.

M. C.

GEORGE MONTANDON — *La civilisation aïnou et les cultures arctiques* — 1 vol. de 270 páginas e muitas gravuras. Payot-Paris, 1937.

Neste importante volume que é ao mesmo tempo uma síntese etnológica sobre os Ainos e um quadro geral das culturas árticas, Montandon apresenta uma valiosa documentação original e um esforço também pessoal de sistematização, à luz dos seus trabalhos anteriores de etnologia cultural.

O ilustre professor da Escola de Antropologia de Paris trata sucessivamente da somatologia, linguística, prehistória e civilização dos Ainos e procura enquadrar esta última no ciclo cultural ártico, depois de expôr as características das facies lapónica, ostiaca-samoieda, altaico-tunguza, jakuta, jukaghir, koriak-tchuktchi, kamtchadal, giliaca e esquimó.

A cultura aino é primitiva, repousando economicamente na simples colheita, na caça e na pesca. Nada de cultivo. Nada evidente de totemismo. Alguns enxertos das culturas matriarcais e da cultura sinoide chegam a suscitar a dúvida sobre se a feição primitiva daquela cultura é ou não mais aparente do que real. Montandon entende, porém, que se trata da mais essencialmente primitiva das culturas ártico-subárticas, como as facies mais antigas da cultura esquimoide.

M. C.

VICTOR FONTES — **Contribuição para o estudo da precocidade sexual** — «Arquivo de Anatomia e Antropologia», vol. XVIII, Lisboa, 1936-1937.

Algumas observações interessantes de casos de precocidade sexual, cuja exposição é seguida de considerações gerais sobre etiologia da eclosão precoce da sexualidade e sobre o diagnóstico daquelas observações. O 1.º caso é de precocidade somato-funcional primária, com início de relações sexuais aos 8 anos e uma maternidade precoce. O 2.º caso é de puberdade precocíssima (menarquia aos 2 meses e definição somática de caracteres sexuais secundários aos 26 meses), com displasia morfológica. O 3.º caso é de precocidade sexual psíquica, e o 4.º de precocidade sexual somática primária, sem manifestações psíquicas ou funcionais correspondentes.

M. C.

JOSUÉ DE CASTRO — **A alimentação brasileira à luz da Geografia Humana** — 1 vol. de 176 págs. Pôrto Alegre, 1937.

O ilustre fisiologista brasileiro ao qual se devem já outros valiosos estudos sobre a alimentação e as condições de vida das classes operárias no seu país, encara de novo o problema neste volume que é prefaciado pelo sábio Prof. Afrânio Peixoto. Depois dum exame da questão em geral — exame fundado num conhecimento profundo das mais recentes pesquisas a tal respeito — o Prof. Josué de Castro, que não deixa de fornecer as noções elementares necessárias para compreensão do seu estudo por toda a gente de cultura mediana, relaciona a alimentação do povo brasileiro com as condições sociais e geográficas nas várias regiões do seu país e formula uma razão dietética racional em cada uma destas.

Trata-se dum estudo assente em documentos de observação e num critério científico seguro. Escusado é encarecer também o seu interesse nos pontos de vista nacional e social.

M. C.

ALFREDO NICEFORO & DINO VAMPA — **Sport — Gli Uomini e le Macchine** — 1 vol. de 357 págs. e 91 diagramas. Roma, 1937.

Neste belo e sugestivo trabalho, o sábio professor Niceforo ocupa-se sucessivamente do interesse do estudo estatístico e bio-

métrico do desporto, das medidas e gráficos dos rendimentos nas várias modalidades desportivas, das medidas e gráficos da habilidade humana, dos acidentes, dos *records*, do estudo físico e do «perfil» do atleta, e reúne por fim uma curiosa antologia do desporto através dos tempos, procurando definir o desporto, no qual se reúne ao prazer de vencer obstáculos e de realizar uma «evasão da vida quotidiana» o propósito duma melhoria física e psíquica do indivíduo e do grupo.

Na segunda parte do volume, Dino Vampa trata dos atletas, nos pontos de vista da idade, naturalidade e caracteres físicos, das suas categorias e respectivas diferenças antropométrico-constitucionais, dos atletas e não atletas, da idade e origem dos desportistas, dos vencedores e vencidos nas competições desportivas, das «leis» do rendimento desportivo, da medida do progresso desportivo, etc.

É este um livro que haveria utilidade em divulgar nos meios desportivos do mundo inteiro, traduzindo-o em tôdas as línguas cultas. Nunca ninguém pôs em termos científicos tão precisos e elevados o problema do desporto.

M. C.

ALFREDO ATHAYDE — **A valorização da máquina humana** — Extr. da «Clínica, Higiene e Hidrologia». Lisboa, 1937.

Trata-se duma conferência feita pelo autor na Liga Portuguesa de Profilaxia Social. É uma explanação crítica do taylorismo e do fordismo, com uma justa apologia da utilidade da Psicotecnia. Apontam-se alguns casos de trabalho violento, excessivo, mal remunerado, e outros de ofícios leves, cómodos, largamente pagos. Aconselham-se alguns meios de aligeirar a tarefa do trabalhador. Acentua-se enfim a necessidade de justiça, higiene e assistência para a valorização da máquina humana «sem esquecer que esta máquina ao seu rendimento excepcional alia, em contraste com as máquinas artificiais, a posse exclusiva dessa flama interior que constitue a característica mais nobre da nossa espécie».

M. C.

RENATO KEHL — **Porque sou Eugenista** — 1 vol. de 112 págs. Rio de Janeiro, 1937.

Vinte anos de benemérita e ininterrupta cruzada eugénica no Brasil. Renato Kehl relata sumariamente o que se tem feito pela

Eugenia no seu país e aproveita o ensejo para renovar a propaganda de que tem sido um dos mais ilustres e incansáveis agentes, e para dissipar alguns preconceitos sobre os fundamentos e a natureza dos estudos eugénicos. A lei alemã da esterilização foi apoiada no Brasil pelo autor e por Leitão da Cunha, Afrânio Peixoto, Leonídio Ribeiro e outros.

Renato Kehl aconselha a fundação *imediata* dum Instituto Nacional de Eugenia no Brasil.

M. C.

PEREGRINO JUNIOR — *Interpretação biotipológica das artes plásticas* — Rio de Janeiro, 1936; *Biotipologia e Educação* — «Collecção Ipes», 2. Rio de Janeiro, 1936.

A conferência que o A. realizou na Associação dos Artistas do Rio sobre a interpretação biotipológica das artes plásticas, é uma divulgação útil das aplicações da biotipologia ao estudo da obra e da personalidade dos artistas, especialmente de alguns artistas brasileiros. Peregrino Junior entende, com razão, que entre a Ciência e a Arte há estreitas relações, mas que nem sempre aquela tem sido feliz na explicação desta a qual muitas vezes «ultrapassa» a Ciência. Não esquecendo os elementos fornecidos pela escola italiana de Viola e Pende, o A. baseia-se, para o seu estudo, sobretudo nos trabalhos de Kretschmer.

A segunda brochura é uma publicação da Directoria Nacional de Saúde e Assistência Médico-Social. O A. expõe sucessivamente a origem e evolução da Biotipologia, a nomenclatura, as noções de carácter, constituição, etc., as classificações biotipológicas, e enfim as aplicações da Biotipologia à educação. Dá as bases duma caderneta biotipológica, vários modelos de fichas e a técnica de observação.

Trata-se dum trabalho do maior interesse para educadores e médicos escolares.

M. C.

A. A. MENDES CORRÊA — *La nuova e la vecchia antropologia criminale* — «La Giustizia Penale». Roma, 1926, 1, col. 885.

Cette importante étude constitue en quelque sorte le manifeste de la nouvelle anthropologie. M. Mendes Corrêa dégage les différences essentielles qui séparent l'école qu'il a fondée et l'anthropologie lombrosienne.

Nous évitons à dessein l'emploi des qualificatifs *nouvelle* et *vieille*, parce qu'en dépit d'une croyance fort répandue, l'anthropologie criminelle ne date pas de ce triste matin du mois de décembre où Lombroso découvrant sur le crâne d'un brigand toute une longue série d'anomalies atavistiques crut, en toute sincérité, qu'il était le premier à constater et à proclamer que le crime est un phénomène étroitement lié à une constitution anormale à type régressif se caractérisant par certaines anomalies somatiques et psychiques.

Avant de lui de grands esprits de l'antiquité (Hippocrate, Platon, Aristote) avaient reconnu et affirmé la fréquence de l'origine morbide de la criminalité.

Plus près de nous Gall, dans son «Traité sur les fonctions du cerveau et de chacune de ses parties», avait posé le problème de la criminalité dans les termes qui sont à peu près ceux dont Lombroso se servira plus tard.

Les aliénistes français, notamment Beillarger, Ferrus, Brière de Boismont, Lauvergne, avaient déjà étudié les forçats et les détenus; dans son traité de «Psychologie naturelle» paru en 1868, Prosper Despine avait étudié les caractères psychiques des aliénés et des criminels.

Il y a plus, dans une intuition géniale, certains grands artistes avaient nettement discerné les tares morphologiques que présentent la plupart des délinquants professionnels et les avaient fortement mises en évidence dans leurs oeuvres immortelles. M. Mendes Corrêa confronte les anthropologies lombrosiennes et post-lombrosiennes avec ce qu'il appelle la nouvelle anthropologie criminelle. Celle-ci se refuse à répartir les délinquants dans des classes à types rigides biologiquement anormaux par rapport au type moyen de l'humanité non criminelle.

Elle proclame l'atypie criminelle ou, ce qui pratiquement revient au même, le polymorphisme criminel, l'existence de variétés infinies d'individus plus disposés que la moyenne de leurs concitoyens à commettre des infractions. Cette tendance est tantôt simplement anormale, tantôt d'ordre pathologique. La nouvelle anthropologie criminelle admet aussi l'existence d'un grand nombre d'individus sensiblement normaux dont les manifestations antisociales ne présentent aucune relation directe avec les anomalies biologiques et psychiques dont ils sont atteints.

Les théories lombrosiennes sur l'*Homo delinquens* après avoir agité le monde, ont, subissant la loi commune, traversé une longue période d'effacement. Actuellement elles sont reprises, sous une forme atténuée, il est vrai.

On ne parle plus guère du *criminel-né* qu'une inexorable fata-

lité voue au crime, mais d'individus ayant ce que les écrivains italiens appellent la *costituzione delinquenziale*, constitution qui, d'après le professeur Di Tullio, se caractérise par un ensemble de caractères morphologiques, physiologiques et psychiques nettement spécifiques.

La nouvelle anthropologie repousse délibérément cette explication. Il n'existe ni constitution criminelle, ni apécificité biologique criminelle; mais on pourrait trouver des constitutions variées communes aux criminels et aux non-criminels, des individus présentant des dispositions au crime plus accentuées chez les uns que chez les autres, mais ce n'est pas là cette spécificité sur laquelle Lombroso et ses continuateurs ont basé leurs théories.

La spécificité en effet implique un agent partout le même, présentant des signes qui n'appartiennent qu'à lui seul et qui créent une certaine disposition à produire un phénomène déterminé.

M. Mendes Corrêa a constaté l'absence chez certains criminels d'habitude, des trois symptômes qui, d'après Di Tullio, caractérisent la constitution criminelle; l'hypoalgésie des téguments (insensibilité à la souffrance physique), l'hypoalgésie affective (insensibilité à la souffrance morale), la froideur émotionnelle. Par contre il a examiné un fort honnête homme qui présentait ces trois symptômes.

L'auteur résume comme suit les enseignements essentiels de son école: «La criminalité a une base à la fois biologique, psychologique et morale, polymorphe mais néanmoins réelle. Elle ne conteste pas l'existence de délinquants constitutionnels, instinctifs, c'est à dire d'individus qui commettent des infractions ou qui, sous l'action de facteurs endogènes congénitaux, possèdent une forte tendance à la délinquance. Toutefois, s'il est vrai qu'il existe des dispositions congénitales plus ou moins marquées suivant les individus, il n'y a ni constitution criminelle, ni type constitutionnel organo-fonctionnel spécifiquement prédisposé au délit. L'anthropologie reçoit de la bio-typologie des directives, des méthodes, des faits, dont il serait injuste de méconnaître l'importance: néanmoins les deux disciplines ne se confondent pas. La nouvelle anthropologie criminelle prétend qu'elle est, non pas une école, mais une conception ample et impartiale, de ce que doit être, de ce qu'est déjà dans de nombreux pays, l'étude scientifique des délinquants. La nouvelle anthropologie criminelle est fille de l'anthropologie criminelle lombrosienne, mais filiation ne signifie pas identité. Entre la fille et la mère la ressemblance n'est pas absolue».

Puisse ce résumé, forcément incomplet, attirer l'attention des criminalistes belges sur les remarquables travaux de l'éminent professeur portugais.

Rappelons à nos lecteurs que M. Mendes Corrêa n'est pas un inconnu pour nous et qu'il a, il y a quelques années déjà, occupé avec éclat la tribune de l'Union Belge de droit pénal (1).

JULES SIMON.

DES.^{OR} CARLOS XAVIER PAES BARRETO — *Indelinquentes* — 1 vol. de 150 págs. Rio de Janeiro, 1936.

O autor, director da Faculdade de Direito do Espírito Santo (Brasil), analisa sucessivamente, neste volume, as dirimentes, as justificativas e a legítima defesa, apresentando sobre o assunto ideas pessoais, algumas delas em divergência com o estatuido na lei penal do seu país. O caso fortuito é incluído entre as dirimentes. A dirimente da perturbação dos sentidos deve, segundo o A., ser estabelecida pelo critério biológico, portanto pelo perito e não pelo juiz.

O desembargador Paes Barreto admite a semi-loucura e, quanto às relações da idade com a responsabilidade, engloba em juízo muito semelhante a irresponsabilidade infantil e a atenuante da velhice.

Encontram-se no livro do sr. desembargador Barreto muitos pontos de vista originais e muitas sugestões interessantes. Autor de vasta bibliografia, o ilustre penalista brasileiro tem o mérito de se não subordinar a qualquer sectarismo doutrinário; diz sinceramente o que pensa, e pensa com independência e equilíbrio.

M. C.

ARTHUR RAMOS — *Loucura e crime* — «Biblioteca de Investigação e Cultura», direcção do Prof. Josué de Castro, 1 vol. de 204 págs., Porto Alegre, 1937.

O ilustre professor da Universidade do Distrito Federal do Rio de Janeiro, dr. Arthur Ramos, reuniu neste volume uma série

(1) Esta análise foi reproduzida pela «Giustizia Penale», 1, Roma, 1937, col. 301, antecedida por estas palavras: «Referiamo dalla autorevole *Revue de droit pénal et de criminologie*, Bruxelles, 1936, n. 11, pag. 1241, la recensione che segue dell' importantissimo e fondamentale articolo di A. A. MENDES CORRÊA, Professore all' Università di Oporto, Direttore dell' «Istituto di Antropologia», *La nuova e la vecchia antropologia criminale*, pubblicato ne «La Giustizia Penale».

de artigos e memórias da sua autoria sobre assuntos de neuro-psiquiatria clínica, psiquiatria forense, medicina legal, crítica e polémica, em que demonstra as suas altas faculdades de psico-sociólogo e psiquiatra, orientado por um critério moderno. Particularmente interessante e documentado o estudo sobre o andarilho Cavalcanti dos Reis.

M. C.

Archives de l'Institut de Médecine Légale et de Médecine Sociale de Lille — Lille, 1936.

Colectânea de trabalhos do Instituto de Medicina Legal e Social de Lille, realizados em 1935-1936, sob a direcção do prof. Leclercq. Entre esses trabalhos tem um especial interesse para os antropologistas os do Dr. Moureau e do Dr. Balgairies respectivamente sobre os grupos sanguíneos na prática médico-legal e sobre observações técnicas relativas aos hemo-aglutinogénios M e N. Também se devem registar na nossa revista o do Prof. G. Lepointe sobre as recentes disposições legais para a protecção da infância e o do Prof. Agr. Muller sobre a selecção médica dos condutores de automóveis.

Outros estudos contém este volume que dá uma ideia do activo labor do centro científico que o edita.

M. C.

PROF. J. M. PACHECO DE FIGUEIREDO — Um inquérito escolar — (Estudo fisiológico e médico). Relatório de exames de 517 adolescentes, alunos do Liceu Central «Afonso de Albuquerque» — 1934-1935.

Cabe perfeitamente no quadro das Ciências Antropológicas este trabalho magistral do sr. Prof. Dr. Pacheco de Figueiredo, realizado sobre minuciosas observações médico-pedagógicas, em grande número executadas em alunos do Liceu de Goa. Representa este trabalho, de elevada consciência técnica e rigorosa disciplina científica, uma excelente e avultada contribuição de Antropometria escolar, extensiva ainda aos domínios da Psicologia e da Educação Moral e da Higiene dos estabelecimentos de ensino.

Os estudantes examinados foram repartidos em três grupos: Indianos, (Indús); Indianos Cristãos; Luso-descendentes. Sobre cada um destes três agrupamentos incidiu a observação do emi-

nente professor da Escola Medico-Cirúrgica de Nova Goa, que nos fornece, com a colaboração atenta do sr. Dr. C. da Rocha Pinto, pormenores do exame biométrico (antropométrico) nesta série extensa de adolescentes, portanto em via de desenvolvimento físico e mental e sujeitos muito particularmente a influências e factores de diversas ordens, que foram estudados com sério cuidado, de modo a dar às estatísticas que acompanham o dilatado trabalho o tom de veracidade, tornando-as, ao mesmo tempo, de colorida evidência, porque *falam à vista*, pela linguagem expressiva dos seus diagramas a côres.

Este capítulo do livro é tanto mais difícil de apreciar, quanto se trata de estudo organométrico em indivíduos de raças diferentes, comparado com resultados obtidos pelos clássicos na matéria, entre os quais, Quételet, Appert, Godin, Niceforo, Axel Key, Castaldi, Bowditch, Baxter, Costa Ferreira, Tamagnini, Mendes Corrêa, Luiz de Pina e outros.

Notam-se as divergências do crescimento nos grupos considerados e as variações básicas.

Um dos capítulos mais interessantes é, sem dúvida, o que trata do exame cardio-vascular, que se relaciona com elementos importantes da vida escolar, os exercícios físicos, os hábitos, os desportos. O observador notou a frequência da hipertrofia do coração, principalmente nos hindús, nos quais a ginástica mal dirigida e a fadiga imprimem esta tara.

Não são menos impressionantes as observações sobre a pressão arterial e o sistema linfático e ganglionar, bem assim outros exames objectivos sobre órgãos e aparelhos, não deixando de insistir sobre o estado dos sentidos. Todos estes sectores de apreciação biométrica foram tratados com equilíbrio, circunspecção, e clareza, e comunicam a impressão de seriedade e zelo, que se desprende aliás de todos os capítulos, que se completam por uma apreciação de anomalias e doenças, a que a adolescência presta extenso campo de observação, nas populações escolares e fora delas.

Pela sua elaboração, de grande dignidade científica e pela cópia de resultados estatísticos e ainda pela sua apresentação gráfica, muito atraente e expressiva, que permite abranger e comparar com facilidade àqueles, pode-se afirmar que esta obra do sr. Prof. Pacheco de Figueiredo é completa, muito instrutiva e de merecido apreço.

B. F.

SERGIO BUARQUE DE HOLLANDA—*Raízes do Brasil*—1 vol. de 176 págs. Rio de Janeiro, 1936.

Este volume, da Coleção Documentos Brasileiros, dirigida por Gilberto Freyre, encerra uma análise, sem dúvida esclarecida e original, dos factores étnicos, psicológicos, sociais e políticos da formação e da história do Brasil.

«Ainda nos associa— escreve o Autor— à Península Ibérica, e a Portugal especialmente, uma tradição longa e viva, bastante viva para nutrir até hoje uma alma comum, a despeito de tudo quanto nos separa. Podemos dizer que de lá nos veio a *forma* actual da nossa cultura; o resto foi matéria plástica, que se sujeitou mal ou bem a essa forma».

Nos povos ibéricos, o Autor encontra associadas e típicas a vontade de mandar e a obediência. «As ditaduras e o Santo Ofício— escreve— constituem formas tão típicas do seu carácter como a inclinação para a anarquia e a desordem». A moral do trabalho e a lealdade são virtudes exóticas. Não é a nossa opinião: a laboriosidade dos portugueses do Brasil basta para provar que a tendência à ociosidade e a falta de perseverança não são regras gerais nos Lusitanos e, quanto à lealdade, inqueritos a que procedemos, mostram bem ser a virtude suprema entre todas, para os portugueses autênticos.

Segundo Buarque de Hollanda, a data da abolição marca o fim do predomínio agrário, mas o Brasil não encontrou no liberalismo um criador de novas formas, antes ele foi um destruidor de formas preexistentes. O mesmo sucederá com experiências de outras «elaborações engenhosas». Há um mundo *natural* de «essências mais íntimas», inatas, específicas, que «desdenha» dos caprichos dos artificios e das invenções humanas. De acôrdo.

M. C.

RODNEY GALLOP—*Portugal—A Book of Folk Ways*—1 vol. de 284 págs. e numerosas gravuras. Cambridge, 1936.

Este volume cuja publicação foi louvavelmente subsidiada pela Junta de Educação Nacional (hoje Instituto para a Alta Cultura) é uma das obras mais meritorias que tem sido dadas à estampa no estrangeiro sobre o nosso país. Depois duma rápida descrição dos aspectos mais típicos deste, o A. refere numerosos costumes e crenças tradicionais (superstições; cerimónias e usos no nascimento, casamento e morte; festas de verão e inverno; o

fim do ano) e uma grande quantidade de informes sobre música e danças populares e provérbios. São dados a letra e o canto de peças mais típicas do nosso folclore musical, e muitas fotografias do A. e desenhos de Marjorie Gallop enriquecem e documentam o excelente estudo. Se a bibliografia está longe de ser exaustiva, a observação directa realizada pelo A. é das mais valiosas.

M. C.

J. LEITE DE VASCONCELOS—*Etnografia portuguesa*—Vol. II. Lisboa, 1936.

O segundo volume do monumental tratado de Etnografia Portuguesa que, sobre a infinidade de materiais reunidos pacientemente numa vida inteira de trabalho, o erudito professor Leite de Vasconcelos está elaborando, abrange a geografia e a história do território nacional. Na descrição física do país, inclui o eminente professor o estudo do solo, do clima, da flora e da fauna. Alguns dos numerosos elementos que fornece sobre o povoamento, já foram objecto de suas memórias ou artigos parcelares. Embora alguns assuntos comportassem ainda, naturalmente, desenvolvimentos consideráveis— a matéria é inexgotável—, é justo proclamar o mérito do esforço, ainda inegalado entre nós, que o A. realizou neste domínio. As 700 páginas do seu volume estão cheias de preciosa informação etnográfica. É um livro que honra o labor cultural português.

M. C.

LUIS CHAVES—*Etnografia Portuguesa*—«Brotéria», Lisboa, 1935.

Duas belas lições de etnografia no curso de férias da Faculdade de Letras de Lisboa. Na primeira trata-se das divisões geográficas populares da terra portuguesa e de lendas que sobre ela o povo tece. Na segunda desenvolvem-se ainda os fundamentos da toponímia e registam-se alusões ao ambiente e à corografia no cancionero popular, de modo a mostrar como a terra é grande inspiradora do folclore.

É difícil conseguir o que o A. conseguiu: uma síntese ampla e lúcida de tão numerosos factos etnográficos, em duas breves conferências. Nestas, sem pesados e desconexos inventários, se revela, no entanto, o grande pecúlio documental de que Luís Chaves dispoz, não como monótono arquivista mas como etnógrafo que às faculdades de observação paciente alia a inteligência e a crítica do verdadeiro cientista.

M. C.

RENATO MENDONÇA — **O português do Brasil** — «Biblioteca de Divulgação Científica», dirigida pelo Prof. Artur Ramos — 1 vol. Rio de Janeiro, 1937.

Renato Mendonça é um dos mais brilhantes espíritos da actual eração brasileira. Já nestas páginas demos notícia, com o merecido relêvo, do seu livro sôbre *A influência africana no português do Brasil*. Registamos agora, com devido aprêço, o seu novo livro, que, pela ampla informação que contém, e distinta cultura que revela, deve ser lido por todos os que se interessam pelas modificações sofridas pela língua portuguesa em terras de Santa Cruz.

Pena é que Renato Mendonça não tenha ainda realizado uma demorada visita ao nosso país, de modo a verificar directamente que em Portugal também se diz «peito» (e não apenas, como algum rude aldeão, «paio») e que não é só no Brasil que se diz *açougue, cinema, creada, carro, carregador, confeitaria, fila, fiscal, maçador, maçada, navio, ordenança, tamancos*, etc. com as acepções ali adoptadas. A verdade é que duma província para outra, do nosso país, variam os sinónimos preferidos, sem que ninguém se lembre de dizer que se trata de linguas diferentes.

O ilustre filólogo e folclorista brasileiro reproduz passagens dum eloqüente discurso de Paulo Filho em favor da existência duma «língua brasileira». Pois nem um só período desse texto, publicado em Portugal, seria considerado como escrito numa língua diferente da nossa. Nem sequer expressões ou maneiras de dizer locais aparecem ali a estabelecer diferenças sensíveis.

Não se escreveria diferentemente nem melhor... em português. O que ninguém ousaria dizer em Portugal é que esse texto não era... português.

Renato Mendonça não reivindica certamente para a genuína gramática da «língua brasileira» certas expressões que cita, como «os passo» em vez de «os passos». Isto é um êrro de concordância, não é uma tradução brasileira do português *os passos*. Também os analfabetos de Portugal cometem erros gramaticais, deformam incrivelmente palavras da língua culta. Não é isso, para nós, a verdadeira língua portuguesa, por maior espontaneidade, por maior naturalidade e interêsse filológico que tenha. A língua portuguesa perfeita continua a ser aquela em que Luís de Camões escreveu os *Lusíadas* e em que Vieira pronunciou os seus sermões... em Portugal e no Brasil.

Decerto o português no Brasil sofreu as modificações que um meio diferente, as influências ameríndia e africana, a triste incultura de muitos dos nossos emigrantes, novos aspectos de civilização e até outras linguas europeias nêle introduziram. Se

Portugal considera a independência política do Brasil uma realidade indiscutível, não menos indiscutível e real é para nós também a sua autonomia nos domínios da inteligência e da cultura. Mas reconhecer esta autonomia é negar a evidência duma solidariedade histórica, de laços de sangue e de linguagem, que estabelecem entre os dois povos a melhor e mais bela das fraternidades?
M. C.

ANTÓNIO SERRANO — **Arqueologia Brasileira** — Separ. da «Revista do Arquivo», São Paulo, 1937.

O ilustre director do Museu de Entre Rios, Paraná, estuda neste importante trabalho algumas jazidas arqueológicas do sul do Brasil, peças de colecções referentes a estas regiões, e as relações da arqueologia do Brasil meridional com as culturas andinas. Trata-se duma documentação valiosa, parte da qual se refere ao problema dos *sambaquis* brasileiros.
M. C.

Asociación Cultural de Conferencias de Rosario — **Dos Conferencias del Señor Duncan L. Wagner sobre Carácter y Antigüedad de la Civilización Chaco-Santiagueña** — Rosário, 1936.

Do ciclo de carácter geral, de alta cultura e instrutivo, em especial, do ano de 1935 (n.ºs 2 e 3), destacam-se as duas notáveis prelecções do sr. Duncan Wagner, vice-director do Museu Arqueológico da Província de Santiago del Estero, sôbre o assunto de que o mesmo autor e seu irmão D. Emílio se ocuparam com tamanha proficiência na obra a que noutro lugar nos referimos mais detidamente, sem aliás podermos dizer tudo o que acêrca dela e do importante estudo realizado no grosso *in-fólio*, ocorre manifestar, assim como da sua excelente e artística documentação, que se insere em parte no presunte número da publicação desta benemérita Sociedade Cultural Argentina. Estas conferências, que tiveram a ilustrá-las o referido documentário exposto no magnífico volume, mas num sistema deveras sugestivo de projecções luminosas, interessam-nos, do mesmo modo, pelo lado científico, como no ponto de vista da Arte e da Arqueologia, pelos curiosos elementos e factos postos em evidência, pelo método comparativo, relacionando as revelações desta antiga civilização do território Argentino, com a qual os autores da volumosa e expansiva obra mostram ter acontecido o fenómeno singular de fenecer em plena florescência.

No proémio deste opúsculo, bem assim em as notícias de

vulgarização científica saídas no periódico *A Capital*, o prof. Dr. Alfredo Castellanos, de Rosário, o consagrado autor do «Hombre fossil argentino», de tantas outras obras de grande interesse para os estudos de Arqueologia, de Arte pre-histórica e da Geologia e Petrologia da América da Sul, dá-nos a perfeita informação do alcance e da valia dos trabalhos dos notáveis arqueólogos irmãos Wagner. Ele refere que as conclusões a que chegaram estes autores, sobretudo a respeito da antiguidade de semelhante cultura e das suas surpreendentes relações com outras velhas civilizações, despertaram no mundo científico apaixonadas discussões, que, sendo outros tantos estímulos para o proseguinto de tão operosas e interessantes descobertas e investigações, mostram a importância e o mérito de achados, que enchem um Museu da especialidade e constituem o precioso documentário, no qual poderão os estudiosos colher fartas intuições e informes, que servirão de ampla base a futuras hipóteses e conclusões sobre a origem, evolução, decadência e ocaso das mais antigas civilizações. São porventura, ao que nos expõe com tanta proficiência e beleza os srs. Wagner e o prof. Castellanos, estas descobertas, estes variados elementos demonstrativos da cultura chaco-santiaguenha, os mais ricos e expressivos em manifestações de Arte, inspirada em motivos e crenças religiosas primitivas, cuja investigação contribui poderosamente para resolver problemas difíceis e cativantes, nos pontos de vista filosófico e arqueológico.

B. F.

Boletim do Centro de Estudos Históricos — T. I, fasc. II. Rio de Janeiro, 1936.

O segundo fascículo do 1.º volume do «Boletim do Centro de Estudos Históricos», dirigido por Eremildo Viana, Guy de Hollanda e Silvio Elia, contém interessante e variada colaboração. Padberg Drenkpol fala de velhas inscrições latinas do Rio colonial, Alcides Bezerra dos historiadores do Brasil, Fernando A. Pires do volume de Pericot sobre a América, Guy de Hollanda e Eremildo Viana da investigação e do ensino da História no Brasil. Apreciações bibliográficas e uma revista das revistas completam o fascículo.

Ao nóvel «Centro de Estudos Históricos», em cuja actividade participam muitos dos mais altos valores da historiografia no grande país, desejamos as maiores prosperidades e asseguramos a simpatia fraterna dos centros culturais portugueses.

M. C.